

PARTEIRAS E “POÇÕES” VINDAS DAS MATAS E “RIBANCEIRAS” DOS RIOS

*Benedita Celeste de Moraes Pinto**

Resumo

O presente artigo trata dos saberes e poderes mágicos com os quais parteiras e benzedeiças da região do Tocantins, no Pará, dominam técnicas de curas por meio de benzeções e poções feitas de ervas, raízes e cascas de paus vindas das matas e “ribanceiras dos rios”, com quais livram seu povo das doenças do plano natural e das ocasionadas pelas forças de encantarias.

Palavras-chave

Parteiras; técnicas de curas; memória; oralidade.

Abstract

This article deals with the knowledge and magical forces of midwives and women healers of the region of Tocantins, in the state of Pará, and their cure techniques through superstitious blessing and potions made of herbs, roots and husks of wood coming from forests and “river bluffs”. They use them to relieve their people of diseases in general and also diseases caused by means of witchcraft.

Key-words

Midwives; cure techniques; memory; oral accounts.

As guardiãs do ritual do nascimento

*Pra ser parteira eu digo que é preciso que se tenha o dom, e eu não tenho!
Sei de tudo o que acontece com a mulher que vai ter um filho, mas não me sinto
pronta pra assistir com segurança uma mulher. Não tenho dom!*¹

Dar à luz, “parir”, é um ato que se configura como um dos fenômenos biológicos das fêmeas. As experiências das mulheres com fatos biológicos próprios da maternidade, como gerar, gestar, parir e amamentar, entrelaçam-se em momentos naturais e culturais e são caracterizadas pelos espaços em que se fazem presente. Além disso, assinalam a interação das mulheres com o problema da saúde e de práticas medicinais alternativas. “Se a mãe tem saúde o filho vai sê uma criança, forte, esperta e sadia.”² Recaem, desta forma, sobre a mulher os cuidados com a saúde dos filhos desde o instante da concepção.

Sandra Graham, analisando a condição feminina na cidade do Rio de Janeiro, afirma que fatos que marcavam o ciclo da vida de todas as mulheres tornavam-se acentuados para as criadas, que, tal qual outras mulheres pobres, também davam à luz, enfrentavam doenças, cuidavam dos filhos ou presenciavam a morte, sem dispor dos mesmos recursos com que contavam as mulheres socialmente mais bem posicionadas. Elas criavam soluções próprias e assim configuravam um estilo de vida. Entre as suas preocupações estavam as questões essenciais da gravidez e do parto. Enquanto os médicos assistiam aos partos nos lares das mulheres ricas, as parteiras auxiliavam os partos de mulheres de todas as classes.³

Sandra Graham está se referindo à condição da mulher no final do século XIX e início do século XX, no Rio de Janeiro. No entanto, no alvorecer do terceiro milênio, as mulheres rurais do povoado de Umarizal⁴, no Pará, norte da Amazônia, compactuando com as demais, que vivenciam e testemunham o isolamento, o abandono e a pobreza de lugares longínquos do imenso território brasileiro, ainda continuam criando e recriando alternativas próprias, tecendo teias de resistência para sobreviver. A elas também recaem os cuidados com a saúde e, em consequência disso, a luta pela vida. Como, biologicamente, o ato de reproduzir está inserido social e culturalmente no cotidiano das mulheres, são elas que assumem nos seus espaços simbólicos os rituais advindos do nascimento. Além do ato de gerar, está em suas mãos o poder de “fazer vim ao mundo”, de “pegar”. Assim, as parteiras, que “também são parideiras”, são exemplos típicos das experiências históricas e cotidianas das mulheres rurais no desafio pela perpetuação da vida.

No meu trabalho de campo, especialmente no povoado de Umarizal, ouvi várias histórias sobre as práticas das parteiras e tive a oportunidade de conversar, observar e conviver com algumas delas. São mulheres tratadas com muito respeito e até gratidão pelos habitantes desse povoado, não só por suas atividades de parteiras, mas também porque elas acabam estabelecendo uma espécie de identidade cultural nesse local, no que diz respeito às formas alternativas no cuidado com a saúde e ao uso de ervas medicinais. É uma das características das classes populares pobres, de regiões afastadas dos centros urbanos. Prática muito comum entre as populações pobres, já que é o único meio de que dispõem para tratar da saúde, uma vez que, nas condições em que vivem, não têm como consultar médicos especialistas. Portanto, apelam para os tratamentos informais.

Desde o período colonial, segundo Del Priore, sem os recursos da medicina para combater suas doenças cotidianas, as mulheres buscavam as curas informais. Assim, em vez dos médicos, eram elas que, por meio de fórmulas gestuais e orais ancestrais, restabeleciam a saúde.

A concepção das doenças como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as induzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização de plantas, minerais e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam. Além desses conhecimentos, havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, e as cerimônias de curas indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira.⁵

A função de parteira acaba delegando a essas mulheres uma certa forma de poder e autoridade na vida dos habitantes de Umarizal. Algo compensador e muito gratificante para elas, que não ganham dinheiro com isso: “pegá filho por caridade é uma profissão que Deus dá a graça”,⁶ mas sentem-se retribuídas por ajudar a nascer e a “botar no mundo as pessoas”. Conforme os relatos das parteiras, tanto de Umarizal como de outros povoados negros rurais do Tocantins, não há uma idade estabelecida para se tornar parteira. Algumas começam ainda muito jovens, no momento em que sentem necessidades de ajudar outras mulheres.

Durante o meu trabalho de campo, não foi possível saber se ser parteira é um ofício passado de mães para filhas. Mas reparei que certas mulheres, desde cedo, apresentam algumas predisposições para esse ofício; são as mulheres mais corajosas, que têm sangue frio, como dizem. Segundo muitos habitantes dos povoados negros rurais,

são as mulheres que, mesmo sem terem conhecimento disso, trazem consigo o dom de ser parteira. Porém, de qualquer forma, elas estão ligadas por laços de parentescos, pois na maioria das vezes elas são avós, netas, tias, sobrinhas e cunhadas.

A escola de aprendizado das parteiras “curiosas,” como se autodenominam, de Umarizal, assim como de outros povoados rurais da região do Tocantins (Mola, Tomásia, Laguinho, Porto Alegre, etc.) é a vida. Suas experiências emergem nas práticas do cotidiano, vendo e ajudando as parteiras mais velhas ou advêm do momento de “enrascada”, de emergência, quando o sangue frio e a solidariedade são os complementos essenciais para o estabelecimento da coragem, a sufocação do medo e da insegurança:

Sou parteira por caridade. O primeiro parto que eu fiz foi duma senhora lá do outro lado [filha]. (...) Uma noite pra banda da madrugada deu dor na mulhé. Essa mulhé era então mulhé da vida. (...) A mulhé pedindo socorro e não tinha quem desse, dona! (...) ⁷ Aí o que eu fiz, agarrei a lamparina e fui pra lá, ela estava jogada encima de umas varinhas, assim! Oh! Minha filha me acode! Aí eu falei: olhe, tenha primeiro fé em Deus, depois em mim. Aí peguei a criança. Não tinha tesoura (...), ela tinha um terçadinho que ela cortava castanha. Eu agarrei o imbigo [umbigo] da criança, cortei com o terçadinho, peguei um tição (...) tec, tec, amarrei o imbigo e queimei com o tição! (...) Daí pra frente, minha senhora, tô com mais de quinhentas e poucas crianças pegando. Dessa caridade acho que é Deus que me dá a graça. (Raimunda Farias Neri, 69 anos, Umarizal)⁸

Iniciado o primeiro passo, não há mais parada; timidamente denominam-se “curiosas” porque aprenderam a ser parteiras “assistindo,” “parteijando” outras mulheres que acabaram por confiar no poder de suas palavras, de suas ervas e de suas mãos. Por terem dons “destinados a elas por parte de Deus”⁹, logo se tornam confiáveis, dignas de “milagres” e curas. A percepção e as mãos dessas “benditas mulheres” – que chegam a desafiar, até certo ponto, as mais modernas técnicas obstétricas – se mutualizam na canalização de energias, algo que se solidifica com a prática e com as experiências do dia-a-dia. Um saber místico capaz de decifrar, em questão de segundos, num simples toque, o que a medicina com especialização, técnicas e instrumentos especificados demora mais para resolver. Claro que em certas ocasiões suas previsões falham, uma vez que se guiam pela intuição, pela prática e pela experiência; mas é importante lembrar que os médicos, com técnicas obstétricas modernas, também estão passíveis de erros e enganos. A parteira Custódia (73 anos) evidencia experiências dessa natureza, que para ela são comuns, estando inseridas no seu mundo e nas suas práticas:

A gente conhece quando é homem, quando é mulhé! Só a senhora puxa na barriga da mulhé [grávida] e só encontra a costa do garoto e a mulhê, não, a senhora pega a

mãozinha, braço, joelho. O menino fica de bruço e as mulheres de peito pra cima.¹⁰ (...) Se a senhora vem e diz: eu vim aqui pra senhora vê se eu estou gestante (...), falhou dois meses minha visita. Eu não sei o que acontece. Aí a gente mete a mão na bacia da mulhê, não toca (...) tá cheio sua pente, cheio, cheio, pode confiá que está prenha. Quando a senhora não está gestante (...) pode a senhora metê a mão na sua pente que amodo é capaz de querê vará. (Custódia, 73 anos, Umarizal)

O dom de ser parteira e o saber adquirido na prática dessa função são considerados entre os habitantes de Umarizal, assim como em outras povoações rurais negras da região do Tocantins, como uma missão específica traçada por Deus para a vida de determinadas mulheres. “É de Deus que vem o dom” que faz dessas mulheres parteiras ou “pegadeiras,” “assistentes” – como dizem muitos informantes – detentoras de força, saberes e poder. Qualidades estas que não aparecem pura e simplesmente, mas que resultam de práticas desenvolvidas no cotidiano e do desafio de assumir o destino de vidas – tanto das parturientes como de seus filhos – nas condições tão difíceis em que a maioria dos casos se enquadram. Suas funções de parteiras se encontram envoltas em práticas místicas, que acabam por transformá-las simbolicamente numa espécie de “mulheres anjos”, guardiãs de saberes e poderes ocultos, capazes de decifrar, desafiando até em certos momentos teorias modernas da medicina, vários “enigmas” apresentados no instante da concepção, do nascimento e da própria saúde da sua gente.

As parteiras são também as guardiãs principais do ritual que envolve o nascimento, o qual é transmitido através da oralidade de uma geração de mulheres para outra, prática muito comum no povoado de Umarizal e outros da região do Tocantins. O relacionamento das parteiras com as parturientes é marcado por laços de solidariedade, afetividade e confiança. O ato de “pegar criança” não se configura em recompensa financeira relevante para a parteira. Ela aceita aquilo que a posse da sua cliente permite: “algum dinheiro,” “serimbabos” e acima de tudo a gratidão dos familiares da parturiente e de todas as crianças que “apresenta ao mundo”, que “pega”, as quais se configuram, no transcorrer dos anos, em filhos, netos ou afilhados, cuja afetividade, respeito, confiança e gratidão transformam-se numa espécie de transfiguração de poder. As parteiras aparecem como “mulheres mágicas” de mãos “cheias da graça de Deus” em suas percepções:

(...) Eu já estou pegando os filhos das meninas que eu peguei. Aqui nesse pedaço do Umarizal (...) não tem um parto que eu não faça. Olhe, essa noite eu fui fazê um parto de uma menina aí (...). Ela teve uma menina. Antão essa minha profissão é isso, é pegá filho por caridade, não que eu ganhe com isso, a senhora tá vendo a minha casa. (...)

Eu não durmo quase aqui em casa, assim semana, dois, três dias (...) um chamado! (...) Eu não me nego. Olhe, eu tenho saído por baixo de chuva do Paritá, aí pelo florestão, tudo. Eu vou fazê visita pra recebê criança. (Raimunda Farias Neri, 69 anos, Umarizal)

O momento de trabalho das “pegadeiras” de Umarizal, e de outros povoados rurais próximos, qualifica-se como uma grande aventura. Cada parto é um caso específico e tenso para a parteira. Apesar da confiança adquirida pela tarefa que desempenham e pela prática de sucessivos partos, elas não ficam plenamente seguras para “partejar” uma mulher com tranquilidade. Uma vez que se defrontam com falta de recursos financeiros e com a distância de hospitais que possam oferecer o mínimo de assistência, caso aconteça algum tipo de complicação no instante do parto, capaz de causar a morte da mulher em trabalho de parto ou ainda da criança. Daí ser muito comum na hora do parto a invocação de santos, como São Raimundo, São Benedito, Nossa Senhora do Parto e Nossa Senhora de Monte Serrat, mediante promessas e rezas, pedindo socorro tanto para a parturiente e seu filho como para a “bença do trabalho” da parteira. Elas mesmas dizem, no momento do parto, que a morte de uma criança ou, principalmente, da parturiente significa que sua prática está fracassando. Então, antes que isso aconteça, em caso de parto difícil chama a família da mulher em trabalho de parto e diz que as coisas estão se complicando, como exemplifica o relato a seguir:

A natureza não está querendo cumprir o seu curso normalmente, é caso pra médico; lá (no hospital) ele abre a barriga da mulher e tudo. Às vezes, minha querida, a gente se mete em cada sufoco, que só Deus mesmo pra estendê a mão e abençoá. Olhe, um dia desse me chamaram aí pra estrada pra atendê uma mulher, uma família nova, disque são goiano. A mulhé ali agoniada e nada da criança nascê. Uma hora assim deu o arranco da dor e, quando eu vi apareceu só uma mãozinha na frente; eu passei amêndoas doce bem na luva e com cuidado fiz voltá. Aí pedí pro marido dela entrá, pra ajudá suspendê ela assim de cabeça quase pra baixo, sacudimo as pernas, as caderas dela e quando nos abaxemo no chão, eu miti a mão na barriga dela e, ela uma mulher grande, corajosa, lá veio a criança, uma enorme de minina, tudo ótimo. Eu me benzi e dei graças a Deus. Mas fui uma fuguera! (Custódia Vieira, 73 anos, Umarizal)

Se o parto pode ser caracterizado como uma espécie de ritual iniciador da maternidade para a mulher, para a parteira transforma-se num momento canalizador de energias místicas, quando a confiança divina e a crença no sobrenatural servem de inspiração para as diversas formas de improvisações. As técnicas utilizadas no momento do parto são próprias de cada parteira. Umas fazem exames minuciosos na sua cliente, desde o “sentir” pelo tato a dilatação uterina até observações nas partes íntimas da mulher em

trabalho de parto. Outras apenas confiam “nas forças divina” e deixam a natureza cumprir o seu curso. Das parteiras atuantes de Umarizal apenas uma, a mais velha, recebe uma espécie de treinamento efetuado por médicos e enfermeiras da Fundação Nacional de Saúde em parceria com religiosos da Paróquia do Município de Baião.

(...) Nós fizemos lá na Baxinha [lugarejo próximo de Umarizal] o primeiro curso. (...) Logo que eu peguei, que eu nunca tinha ouvido dizer a pressão, o aparelho. Ela [enfermeira] me indicou sem perguntar se eu conhecia o número, perguntou primeiro se eu sabia lê. Eu digo, não, bem pouquinho, falei pra ela. Ela disse: Mas o número tu conhece, bem? Eu disse: eu conheço bem número. Ela puxou pelo aparelho me mostrou bem, mandou conferir: Graças a Deus a primeira cuisa que eu aprendi logo, bem pego mesmo. (...) Agora comecei andar, indo fazendo curso. Mas antes disso já fazia parto sem nada, fazia com minha força (...). Eu não tinha medo, enfrentava tudo graças a Deus. (Idem)

Antes do parto, a parturiente tem “nove meses pra se preparar, fazê arrumaçõzinha dos paninhos dela”¹¹ e o enxoval do filho. Após as primeiras dores do parto, entra em cena a parteira, com a qual a futura mãe fez anteriormente um “pré-natal”, no decorrer do qual foi tratada com banhos de casca de pau e ervas, massagens regulares na barriga para ver a posição da criança e “temperadas”¹². Em quase todos os casos, a parteira prepara uma cama forrada com panos no chão, onde a mulher em trabalho de parto deita, em seguida “puxa a barriga” da parturiente para ver como está a criança, “a posição do ponto pra nascer” e a medida para saber a altura que está a criança.

(...) eu faço assim aquela cama no chão, porque dê lhe dizê eu não tenho preparo, então a cama é no chão. Agora eu puxo, vejo como é que está a criança (...). Agora se não fô a hora de tê eu falo: olha, vai andá, vai deitá que inda não é hora. Quando chega a hora a gente fica lá cuidando dela. Tem vez que a mulhê é dura, tem mulhé que é dura mesmo! Saí andando, só se quieta na hora de tê mesmo. Aqui é assim mesmo no chão, não é iguá na cidade que tem cama, tem hospítá, tudo. Aqui até a Zinha (Custódia) que é parteira da comunidade faz assim. Agora a gente tem o cuidado de não tá pegando cuisa do chão, porque graças a Deus não é casa boa mas tem um assoalhozinho não é na terra. Tem gente que tem no chão mesmo, a senhora sabe a pobreza, a gente forra o chão com pano; quando termina junta tudo pra lavá, porque não tem outro jeito. (Raimunda Farias Neri)

Percebe-se, nesse relato, um certo cuidado com a higiene, pois como regra para evitar possíveis contaminações, materiais como tesoura, óleos e fios são esterilizados no momento do parto. Se for a hora da criança nascer, a parteira fica ali perto cuidando da mulher com massagens, chás,¹³ algum tipo de alimento para dar “sustância”, como

caldo de galinha caipira e caribé¹⁴ com manteiga, e palavras de “encorajamento”. Nesse momento, a parturiente recebe visitas de outras mulheres, que se solidarizam com ela, estão sempre ajudando no que for preciso. O parto, antes de ser um momento de emoção, significa instantes de grande tensão e nervosismo para as pessoas envolvidas: parteira, parturiente, marido, familiares e até os vizinhos mais próximos participam das angústias.

O grande perigo do parto é a dificuldade da criança “não pudê passar pelo nascedouro” devido estar de pé ou ser muito grande ou ainda o acontecimento de “algum tipo de moléstia com a parida”, como ataque de albumina e a demora do corpo uterino na expulsão do “companheiro” ou “resto” (placenta), o que pode ser identificado como um grande perigo para a vida da mulher. Após o parto, a “parida” recebe massagens no ventre com defumação de alfazema e alecrim. Em seguida, a parteira dobra a mulher de lado e “senta em ambos dos lados da cadera (quadris) dela”,¹⁵ depois ela é “apeada das caderas até a barriga com um pano quente, e só então é colocada na sua rede ou cama, quando a tem.

O recém-nascido – que ficou numa caminha improvisada com panos no lugar onde nasceu, enquanto a mãe estava sendo cuidada – tem o cordão umbilical amarrado com fio, cortado e, em seguida, queimado com azeite de andiroba quente, ou então, com mercúrio. Depois é banhado em água morna e sabão, vestido e envolto em panos. Se “a mãe ainda não ter leite no peito”, é levado para os braços de uma “mãe de leite”, que pode ser uma tia, uma irmã ou uma vizinha. O parto simboliza, desta forma, um momento de fraterna intimidade entre as partes envolvidas, em que a confiança, a afetividade, a solidariedade e a cooperação surgidas desse momento são responsáveis pela preferência das mulheres terem filhos em casa sob a responsabilidade e a experiência de parteiras. Para elas, a maternidade de um hospital só é cogitada em caso de extremo risco, emergência, parto difícil. A seguir, vejamos a imagem que uma mulher do povoado de Umarizal faz do hospital:

Olhe, minha querida, eu teve dezoito filhos na casa, tudo com ajuda da parteira. Eu não sei o que ia me acontecê até se me levassem pro hospitá.¹⁶ Lá não tem essa confiança e tranqüilidade que a gente tem na casa com a parteira da gente, a presença encorajadora dos parentes, das amigas da gente. O hospitá pra mim parece uma cuisa fria, sem aquela emoção amodo! O médico, a enfermeira faz aquele trabalho... não sei nem lhe dizê como até! Sem dizê que a gente tem que tê dinheiro pra pudê parí no hospitá. Na casa, não, é aquela festa com mijo da criança¹⁷ e tudo, nem fale até! (Maria Madalena, 59 anos, Umarizal)

Durante os 45 dias que dura o resguardo pós-parto, a mulher toma remédios caseiros, “as temperadas” ou garrafadas à base de folha de salva¹⁸, casca de barbatimão¹⁹, verônica²⁰, jucá²¹, mel de abelha e vinho, receitados e feitos pelas parteiras, indicados para “arreiá o resto de parto”, purificar o útero da mulher, além de serem ótimos “fortificantes pra repor as energias perdidas e curar anemias”. Durante esse período, a parteira recomenda que sua cliente se afaste das atividades cotidianas como os trabalhos domésticos e da roça, assim como encher água no rio e varrer casa. Deve se abster também de relações sexuais e de certos tipos de alimentação e frutas.

Ela come mesmo só comida escolhida, até galinha de granja mulhé daqui (Umarizal) não come. Bicho do mato (caça), pato, porco, camarão, nada disso come. Frutas como banana prata, manga, uxi, piquiá, isso também não se come, faz má tanto pra mãe como pra criança. São costumes que vem desde os antigos do Paxibal. (Domingas Vilhena, 49 anos, Umarizal)

Desde o período colonial, segundo Del Priore, “as mulheres e suas doenças moviam-se num território de saberes transmitidos oralmente, e o mundo vegetal estava cheio de signos das práticas que os ligavam ao quintal, à horta, às plantas”.²² Percebe-se, dessa forma, o campo de ação das parteiras de Umarizal e de outros povoados da região Tocantina.

Elas empregam todos os recursos de uma farmacopéia multissecular, conhecem mil maneiras de aliviar os pequenos males cotidianos que tantas vezes desarmam a medicina douda. Olhando-se de perto, esses remédios populares certamente revelariam um real saber dos sofrimentos do povo, preocupado em evitar despesas, mas também em conservar sua autonomia corporal e em subtrair-se ao olhar médico, esse olhar que ausculta, mede, classifica, elimina e, para terminar, envia-se para o maldito hospital.²³

Pra lhe dizê, dona, que eu teve os meus filhos com parteira e nunca me tratei com médico nenhum. Fazia tudo o que a parteira mandava, tomava chá, temperada. Nunca senti doença alguma, essas doenças que essas meninas de agora sente. Olhe, eu tenho essa idade que a senhora tá vendo, mas sou uma mulhé sadia, nunca teve esses problema (problema) de mulhé de ficá com morragia (hemorragia), cocera nas partes. Essas iscuiskas de doença que a gente ouve falá agora. Minha doença é esse danado desse rematimo (reumatismo) que eu vivo atacada. (Dona Vilhena, 82 anos, Umarizal)

Tanto as parteiras, como as pessoas mais idosas de ambos os sexos da povoação de Umarizal, dizem que certas “doenças feias”, que estão matando e causando o sofrimento de muitas mulheres ainda jovens, como o câncer uterino, “provêm do descuido

de certas mulheres com a saúde”. Quando fazem comparação entre a situação da saúde no passado e os dias atuais são unânimes em afirmar que algumas coisas melhoraram, como certos recursos que hoje a medicina tem, novas técnicas. Mas outras coisas são consideradas muito ruins, como certas doenças que as pessoas sofrem atualmente, das quais nunca “ouviram os mais velhos falarem”, como o câncer e a Aids. Em tempos passados “as mulheres e as pessoas de modo geral se cuidavam mais, usavam muitos remédios caseiros, tirados da própria natureza”,²⁴ ervas e cascas de paus sem química alguma para curar suas enfermidades.

Para as parteiras de Umarizal, com as quais conversei, e outras de povoados negros rurais vizinhos da região do Tocantins, o resguardo do pós-parto e do período menstrual é de suma importância para a saúde da mulher. Nesses momentos, certas mulheres estão “abertas”, “fracas”, “desprotegidas”, à mercê de “correntes de coisas do encantado”. O que funciona como atração para seres do encantamento, como, por exemplo, a proximidade e o encantamento do bôto.²⁵ Elas também contam casos de gravidezes inexplicáveis, em que o ser a se gerar não é criança, mas cobras, ovos de uruá puruxitá, ambuá²⁶, jabuti, ovos de aruanã²⁷, arraia, etc. Casos que, conforme dizem, “provem de um problema que tem na mulhê pra se formá essas cuisas. Porque a mulhê quando mestrua, não é só o homem que emprenha. Porque se a mulhé mestruada passar por cima de um uruá, ele tem um jeito de deixá aquela cuisa, uma gosma, se a mulhê passá em cima dela, é o que vai lhe prejudicá a saúde”. Isso acontece quando a “mulhé mistrua, não se resguarda, tá fraca pra certos probremas (problemas)”²⁸ da natureza do encantado e do oculto.

Quando detectado pela parteira – pois, segundo elas, traz características diferentes de uma gravidez normal, já que a “barriga da mulhé não cresce, ela fica pálida, triste, tem muitas dores,” e, em certos casos, constantes sangramentos – esse tipo de gravidez é curado com a indução do aborto, mediante chá de arrainha do pau²⁹ com casca de acapu, chá de cabacinha³⁰, chá de cominho com folha de boldo, etc. Esse é o único momento em que o aborto é permitido pelas parteiras “curiosas”, por estarem em questão a saúde e a vida da mulher. Excluindo essa situação, são totalmente contra o aborto, pois afirmam “que a mulhé que faz aborto, quando morre vaga no espaço carregando o filho na boca”.³¹ “Uma vez que se juntou a um homem, teve relação com ele e ficou prenha, tem que parí, entrou vai tê que saf.”³²

O aborto só é caracterizado como tal a partir do momento de confirmação da gravidez, pelas técnicas das parteiras ou, ainda, pelas transformações que ocorrem no corpo da mulher, a indicar o estado de “prenhez”, como sonolência, olhos fundos, des-

leixo com o corpo, que é também uma espécie de desânimo, bico dos seios muito enegrecidos, quadris largos, atraso menstrual, “pente cheia ao toque” e “embrulhação no estômago” ou enjôo.

Durante minhas longas conversas com as parteiras, em momento algum citaram receitas de ervas capazes de provocar o aborto, com exceção das que aparecem nos casos contados de gravidez proveniente de malineza de bichos ou encantados. Porém, em conversas com trinta mocinhas de Umarizal, em uma faixa etária entre 13 a 19 anos, levantei algumas dessas receitas utilizadas por algumas delas para a interrupção de gravidez indesejada. Entre elas, quatro tentaram o aborto às escondidas da família. Para uma, a receita deu certo na primeira tentativa; uma outra não conseguiu nos três primeiros meses, mas teve um aborto espontâneo com quase oito meses de gestação; a criança, segundo ela, ainda viveu dez dias, perecendo de problemas respiratórios. As outras duas não conseguiram em mais de uma tentativa. Então, procuraram o apoio da família e, posteriormente, os cuidados das parteiras, para que a gravidez não tivesse problemas futuros. Mas dizem que depois da tentativa de aborto, a “pessoa se arrepende, fica constantemente assustada e com medo que o filho nasça morto ou então com alguma deficiência”.³³

Correntes do encantado que “malinam” com as mulheres

Dizem as velhas e os velhos de Umarizal, que durante o período menstrual e no pós-parto, a mulher encontra-se de “áurea aberta para as coisas do encantado”. Uma vez que ela está “fraca”, “inflamada”, “desprotegida” e atraente para as correntes do encantado. Portanto, ela deve evitar transitar em locais próprios de encantarias, como rios, igarapés e a mata de modo geral. Dessa forma, a mulher menstruada ou de parto, para sua segurança, deve evitar atravessar, em determinadas horas do dia – principalmente ao meio-dia e às seis horas da tarde –, rios, igarapés e entrar no mato. Pois, segundo meus informantes, quando nem se espera, as forças do encantado podem estar em qualquer um desses lugares para “malinar” com aqueles que ultrapassam o limite do mundo natural. Para a pajé Zeneide Lima,

cada lugar é domínio de um encantado. A encantaria representa o maior respeito ao homem e à ordem natural. Ele coloca o homem diante de si mesmo, em confronto com a harmonia da natureza. Dá a eles condições de aceitar o insondável, os mistérios da vida aquática, a fadiga, a solidão, a fome, o medo e a noite.³⁴

Para João de Jesus Loureiro, o rio é um grande olho que olha o céu e que também nos olha. Por detrás do olho do rio, há um mundo de mitos, lendas, encantarias. O rio torna-se uma coisa viva da qual tudo pode vir, como de tudo o que é vivo, de tudo o que tem vida. A floresta esconde olhos que espreitam, que perscrutam, que vigiam. A floresta não tem um só olho. Eles são incontáveis. Mas não são seus olhos, são os olhos de outros que nela se escondem. Os olhos vagam por entre os troncos das árvores. Os escuros escondem olhos. São multidões de olhos espalhados nas infinitas faces misteriosas da floresta.³⁵ São dos olhos ocultos dos rios e das matas que as mulheres de Umarizal e dos demais povoados negros rurais da região tocantina tentam se esconder nos seus “tempos próprios de mulher”.

(...) Eu falo pra essas muças que estão nova, quando não estão sabendo de nada, né? Eu falo pra elas: vocês não eram parece nós, eu quando estava assim [menstruada], eu não gostava nem de está no meio do outro! É sim! Porque olhe, quando a gente não está com fome [menstruada] até a pessua que anda atrás da gente pega a duença, é sim! (...) O outro o bicho aponta! Assombra! (...) A senhora sabe o que é quando a senhora tá assim e pega cada susto! A senhora sabe o que é? Buto! (Jacinta Soares, 87 anos, povoado de Porto Alegre, Cametá)

Entre as forças que fazem parte da corrente dos encantados³⁶ que “bolinam,” “malinam” com as mulheres estão o uruá puruxitá, o ambuá ou imbuá, a cobra, a anhangá, a mãe d’água, o boto e o pretinho. Todos são seres que adquirem, segundo a crença de velhas e velhos e demais habitantes dos povoados negros rurais da região tocantina, a conotação do sobrenatural, que se aproximam das pessoas, quando se encontram “fracas de proteção”, com “a áurea do corpo aberta” ou ainda vulnerável às suas investidas.

Dessa forma, tanto homens como mulheres e crianças, dependendo de algumas circunstâncias – o homem, quando não se prepara espiritualmente para entrar na mata ou ainda no rio, e as crianças que ainda não são batizadas –, estão à mercê dos olhos ocultos das encantarias que habitam os rios, igarapés e matas. A mulher, por sua condição fisiológica de “fêmea humana”, atrai muito mais as correntes do encantado durante o período menstrual e no pós-parto.

O sangue menstrual e do pós-parto assume uma espécie de elo simbólico, que acaba despertando o interesse das “coisas do encantado”, principalmente do boto, já que nesses períodos o sangue da mulher se expõe, ganha visibilidade, e, por ele, a mulher fica mais atraente e desprotegida para o ataque das forças do invisível, como, por exemplo, do boto, que, pelo sangue, entra em contato com a mulher. Já que suas

ligações amorosas são ativadas pelo sangue, durante as relações sexuais deste com “sua mulher amante”. Isso acaba por explicar a seguinte expressão, referente à mulher que está menstruada: “quando a gente não tá com fome”.

Em Umarizal e nos demais povoados negros rurais da região tocantina, quando a mulher está menstruada ou de parto, ela deve se resguardar, afastar-se sexualmente do homem. São os seus períodos “próprios de mulher”, condição natural do ser mulher. Portanto, deve se ausentar dos prazeres carnavais, temporariamente, segundo seus costumes, pois não sente falta do homem, “não tem fome”. O boto, assim como outro bicho qualquer, é um animal que pertence à natureza, mas, em certos casos, deixa a condição natural e se transfigura por meio da encantaria para a ordem do sobrenatural.

O boto é um cetáceo platanídeo marinho de água doce. Quando adulto, pode alcançar mais de dois metros de comprimento e aproximadamente 80 cm de diâmetro. Das espécies existentes na Bacia Amazônica, destacam-se o boto preto e o vermelho. O boto preto ou tucuxi (*Steno Tucuxi*) é considerado amigo ou inimigo do pescador, dependendo do tratamento que este mantém com ele. Se, no momento de tirar os apetrechos de pescas, como rede, espinhel ou espinhé³⁷, matapi³⁸ ou então na revista do cacuri³⁹, o pescador recompensá-lo com peixes, ganhará um guarda defensor nos rios, que sempre protegerá suas armadilhas de pesca e empurrará o cardume de peixe para elas. Porém, se for enxotado, xingado, batido e expulso das proximidades onde estão as armadilhas de pescas, o boto preto ou tucuxi retribuirá seu agressor com a invasão nestas, despescagem e destruição tanto de redes como de cacuris e demais armadilhas.

O boto vermelho (*Iniageoffroyesis* ou *Inia Amazônica*), por sua vez, é o sedutor das mulheres⁴⁰. Um ser da natureza que, segundo afirmam velhas e velhos com os quais conversei em Umarizal, passa para a ordem do sobrenatural para viver “entre as coisas do encantado”. Transfigurado de humano, torna-se, na maioria das vezes, um galante e sedutor rapaz, bem afeiçoado, possuidor de um perfume embriagador capaz de enlouquecer as mulheres, as quais ficam possesas de desejo e são capazes de apagar da lembrança toda e qualquer norma para viver unicamente do gozo alucinante de um amor sem qualquer passado e futuro. Na ordem do natural, a mulher, por quem o boto se enamora, torna-se apática, anêmica, ausente da vida cotidiana, de olhos lânguidos endereçados para o rio, torna-se simplesmente a “amante do boto”.

Dizem, velhas e velhos de Umarizal, que quando o boto se enamora de uma mulher não importa se “ela é moça donzela ou mulher casada. Ele aveza, se aproxima, persegue mesmo a mulher”,⁴¹ que, encantada pelo amor dele, deixa de viver, fica fraca, pálida e triste. Se a mulher não for tratada a tempo por um bom curador ou experiente

(pajé), ela enlouquece e morre. Em muitos casos, quando a mulher resiste às investidas do boto, o afastamento deste só é possível mediante sua morte, que é mais certa com tiro a “bala de cera benta” ou munição composta com “cera benta”. O homem se encarrega de matar o boto, cuja morte seria uma forma de lavar a honra da mulher e sobretudo do marido, se for casada, uma vez que a mulher aqui não praticou violação de nenhuma regra por sua livre vontade. Foi vítima de encantaria, entregou-se aos desejos libidinosos do homem boto porque foi seduzida por ele na condição de um encantado.

A mulher, amante do boto, livra-se, portanto, de toda e qualquer culpa, pois os seus atos foram praticados sob força de um encantamento. Se, por acaso, do seu encontro com o boto, nasce uma criança, ela não sofre nenhuma discriminação, quebrando-se assim as possíveis regras de estrutura moral. Há a aceitação natural do fato como sobrenatural; e a criança é reconhecida e aceita como filha do boto. Enquanto o homem boto, se por ventura não conseguir fugir a tempo dos seus encontros amorosos, na condição de humano, terá como castigo a morte vingativa com materiais bentos e sagrados, capazes de quebrar o seu encantamento. Talvez seja por isso que os amantes botos nunca morrem em sua condição humana, mas voltam à sua condição natural – animal, peixe boto, que é como são encontrados após a sua execução feita pelo homem humano, defensor da fêmea mulher.⁴²

Ah, dona, o buto é muito safado! Quando ele aveza pra banda de uma mulhé, ele é capaz de andar distâncias pro centro (...). Cuntavam os mais velhos que ele ia ai pra esse Paxibá atrás daquela mulher que ele se engraçasse. Tinha um igarapé, assim, que passava assim no Paxibá, onde as mulherada faziam porto pra lavá rupa, punha mandioca de molho, fazia tudo. Ai de noite, na lua cheia, se ouvia um assubio fino! Era ele! E as mulheres haja de procurá cipó alho pra se defendê, porque ele [o boto] não gosta de alho. (...) O buto é maligno mesmo. Ele aparece nas festas, dança com as mulherada, que ninguém sabe que é ele. Entra na casa, deita com a mulhé que ele quizê, se finge de marido dela. Tem muito caso assim! Se ele se engraçá de uma mulhé que esteja nos seus dias [menstruada] ele emprenha mesmo. É sim! (Dico Vilhena, 84 anos, Umarizal)

Conforme relata seu Dico e outros moradores de Umarizal, o boto é uma das entidades da corrente das encantarias temido pelas mulheres, desde o antigo povoado de Paxibal; assim como a mãe d' água desperta o temor dos homens, que caçam e pescam sem proteção de espírito, que também podem cair nas graças de uma bela donzela encantada, que habita pontos estratégicos dos rios e cabeceiras de igarapés. Seu chamado por meio de uma música triste e entorpecedora pode representar um encan-

tamento fatal – a morte. Embora acredite-se que botos engravidem mulheres, sabe-se de casos de mulheres que ficaram muito doentes devido à “malineza” ou assombração do boto.

Ouvi, também, muitos relatos de casos de mulheres que engravidaram de ovos de uruá puruxitá, cobra, ovos de aruanã, ambuá ou imbuá e outros entes encantados. Diferentemente do boto, que tem contatos amorosos com as mulheres, o uruá puruxitá, o aruanã, a cobra, assim como o imbuá e os demais “bichos de malineza” não têm contato algum físico que possa ser estabelecido na ordem natural. São entes ocultos, que com olhares enigmáticos vagam nos rios, matas e locais propícios às encantarias. Os “Caruanas, que por malineza com as pessoas acabam ganhando a forma de qualquer bicho”.⁴³ Se um caruana quiser “bolinar” com uma mulher, ele se incorpora em um animal qualquer, e, se a mulher passar por cima desse animal ou então ingeri-lo quando estiver menstruada, pode engravidar por obra desse caruana.

(...) A minha mãe e eu, já estava entendida, nós morava no Paxibá, quando nos fiquemo eu com uma irmã minha, que mora ali pra baixo, ela ficou gestante (...). Um dia deu dor nela, nós fumos buscá uma velha (...) pra vim pegá. A velha pegou, a criança nasceu. Foi muito sacrificio pra ela tê a criança (...) aquilo nós comparamos igual uma tracajua⁴⁴, mas era imitante, até a cabeça que tinha (...) colado assim. Nós comparamos a criança com o casco [da tracajua], os pézinho tudo. Mas ela [enfermeira que dá o curso de preparação de parteiras] já veio com outra anedota, diz que não tem! Não sei, né?⁴⁵ É só o homem que emprenha! Uruá Puruxitá ele nasce com todos aqueles ovos, esse já vi! Ovo de arraia, assim de aruanã, assim eu já vi tê também, mas não era eu que tava assistindo ela [mulher]. Já vi escama de peixe! (Custódia Vieira, 73 anos, Umarizal)

Ouvi vários relatos, como o de dona Custódia, de mulheres que engravidaram e deram à luz a filhos que não eram crianças, mas coisas estranhas, filhos de bicho, cobra, ovos, escamas. Desde o antigo quilombo do Paxibal, as mulheres eram “perturbadas, malinadas e bolinadas pelos caruanas”. Dizem alguns velhos e velhas de Umarizal, que, há alguns anos, aconteciam muitos desses casos. Havia muita feitiçaria, assombração, matinta perêra, “lobizonho”. “Coisas estranhas, que com o passar dos anos e com o crescimento da população vão se afastando, vão acabando.”⁴⁶

No mundo dos caruanas, que emprenham as mulheres, são vários os seres da natureza usados “pra malineza”. No povoado de Umarizal, assim como nos povoados de Mola, Tomásia, Laguinho e Porto Alegre, ouvi inúmeras histórias de mulheres engravidadas por ambuá ou imbuá, arraia, ovos de aruanã, cobra e outros. De todos, sobressaem-se os casos de gravidez por cobra. Deste, ouvi vários e em todos os po-

voa-dos negros rurais. A gravidez é sempre múltipla – duas cobrinhas, que são “bati-zadas com leite de peito e soltas no rio ou igarapé”, e, na calada da noite, “vem mamá [mamar] na mãe” durante alguns meses, quando ela consegue resistir a tal gravidez e às dificuldades do parto. “*A mulhé fica perturbada, nervosa com a parição de um filho normal, avali um parto com um filho do encantado.*”⁴⁷ Este, quando adulto, torna-se um ente, que quando é do bem pode incorporar em um “experiente”, “curador” ou pajé, pode executar curas e afastar outras forças de encantarias, ou, então, virar um “filho do encantado do mal para malinar com as pessoas”.⁴⁸

Tive oportunidade de assistir, no povoado de Tomásia – Cametá, uma manifestação dupla de encantaria em uma jovem. Segundo afirmações dos moradores locais, Célia, a jovem da qual falo, foi encantada por uma cobra e um pretinho quando criança. Desde então, não pode ser contrariada, ficar triste ou assustar-se e nem tão pouco ir menstruada no igarapé que fica próximo do povoado, que logo é acometida de crises de incorporação.

No momento em que estava em crise, Célia não falava nada, apenas emitia alguns ruídos, parecendo gemidos. Saiu rastejando, do quarto de sua casa, de costas, sem auxílio dos braços ou pernas, atravessou um pequeno corredor e desceu uma escada de aproximadamente um metro de altura, sempre de costas, fazendo uma espécie de onda com o corpo, imitando o rastejar de uma cobra. As pessoas presentes não faziam nada, apenas observavam, inclusive eu. Alguém tinha ido chamar um pajé, benzedor. Célia continuou sua viagem rumo ao igarapé. Quando se aproximou dele, foi agarrada por alguns homens e, nesse momento, começou a forcejar muito. Na verdade, era uma luta de vários homens para deter o impulso de uma única mulher com forças de encantaria.

Após alguns momentos, chegou seu João, o benzedor, com um vidrinho contendo água benta na mão. Ele benzia e salpicava água benta em gotas sobre o corpo de Célia que, sem fazer força, fazia movimentos sincronizados, ziguezaguando de um lado para outro, como se fosse uma cobra. Finalmente, seu João ordenou que os encantados se afastassem. Nesse momento, a jovem Célia ficou como se estivesse adormecida; o benzedor mandou que ela sentasse e a jovem obedeceu. Sentou meio sonolenta, dizendo que tinha sede, bebeu água e depois, envergonhada, levantou sozinha e foi embora para sua casa. As pessoas que ali estavam se retiraram no momento em que Célia sentou, ficando só os parentes mais próximos juntamente com o benzedor. Após a jovem entrar em sua casa, todos continuaram em sua rotina cotidiana, como se nada tivesse acontecido.

Segundo afirmações dos moradores do Povoado de Tomásia, Célia vê⁴⁹ a imagem de uma cobra e um pretinho, principalmente no igarapé, onde ela não pode ir sozinha. Essas visões aparecem só para Célia, que, após tal visualização, desmaia e, se não for abordada, segue rastejando até a margem do igarapé. Ao chegar no igarapé, é agarrada por seus amigos, que temem por um encantamento fatal. “Se ela chegar a descê na água ela desaparece mesmo, porque ela tá sendo chamada para esse fim.”⁵⁰ Célia, por sua vez, afirma que não consegue se lembrar de nada, a não ser do vulto de uma grande cobra e de um pretinho de aproximadamente sete anos de idade, que a chamam para junto de si. Após a visão, ela desmaia e não sabe de mais nada que acontece.

O pretinho e a cobra, que Célia vê também fazem parte do mundo de encantarias de outros povoados negros rurais da região tocantina e, por que não dizer, fazem parte das encantarias da Amazônia.

Os encantados na Cultura amazônica estão em todos os lugares: entre índios e caboclos, entre o Céu e a terra, nas selvas, nos campos e no fundo das águas. São seres animados por singular força mágica, capazes de prodígios e antropomorfias, sujeitos a estados divinos ou satânicos.⁵¹

Parteiras e as “poções” vindas das matas e “ribanceiras” dos rios

Em todos os casos de encantados ou ainda de gravidezes consideradas estranhas, frutos das correntes dos encantados, que ouvi, sempre está presente, ou esteve, a figura da parteira de cujas mãos veio a percepção de tal incidente e as poções feitas de cascas de paus, raízes e folhas de ervas, capazes de fazer a mulher expulsar de dentro de si, quando possível, todo e qualquer filho do encanto. E a presença do “experiente”, “curador” ou pajé, que, em muitos casos, é a própria parteira, que com benzeções, seções de curas, banhos e defumações tenta afastar as forças das encantarias, e, em certos casos, desencantar alguém preso por “malineza”, de modo geral. Daí porque as parteiras conseguem aglutinar ao seu redor o respeito e a gratidão dos seus, o que lhe confere um certo poder diante dos demais.

É das mãos das parteiras e dos “experientes” ou curadores que surgem as “poções mágicas” à base de cascas de pau, folhas e raízes de ervas, que curam as enfermidades⁵² das mulheres negras rurais. E, também, funcionam como uma espécie de atrativo sexual das mulheres, principalmente, das mais velhas, sobre os homens, que, por meio da experiência sexual, exercem uma certa forma de fascínio diante destes, uma espécie de

poder. Poder herdado mediante a sabedoria popular de uma farmacopéia natural, exclusivamente extraída das matas e das “ribanceiras do rio”. Haja vista as receitas caseiras que, além de curar as “doenças de mulher”, também garantem a mulher ficar mais “gostosa pros homens”.

Sabe, essas mulheres velhas ganham das novas porque elas se cuidam. Duvido que elas não tenham o pucuru⁵³ delas com banho de asseio (...). É só fazer o banho de asseio de verônica e colocar um pouquinho de açúcar ou sal, fica gostosa pros homens, que nem fale! A gente não tempera a comida? Pois é, tempera a outra comida dele! (Dona Joana, 42 anos, povoado de Laguinho, Cametá)

Quando dona Joana compara a alimentação, vital para o organismo humano, em que se colocam condimentos diversos para acurar-lhe o sabor, com a genitália feminina, que também necessita de cuidados especiais, com base no uso de ervas medicinais, para garantir a saúde e manter a atração para o assédio masculino, emerge uma espécie de simbolismo ritualizado na experiência popular, enraizado entre os habitantes dos povoados negros rurais do Tocantins, como Umarizal. Assim, a mulher reina nas atividades domésticas e nas panelas na medida em que anula a submissão e ritualiza seu poder quando transfere da cozinha para a cama seu domínio.

Se nos seus “dias próprios de mulher” – período menstrual e pós-parto – as mulheres negras rurais estão fragilizadas e desprotegidas contra as forças dos entes das encantarias, que habitam matas, rios e igarapés: é exatamente nesses períodos que elas largam, temporariamente, as atividades da roça, alguns afazeres domésticos, e se afastam sexualmente dos homens para se tornarem, como dizem, “unicamente mulheres e mães”. A possível fragilidade desses períodos ganha dimensão sobrenatural pelas “malinezas” das encantarias, das quais as mulheres tentam se proteger em luta permanente com o plano sobrenatural.

O homem, assim como a mulher, também tem seus períodos de fragilidade diante das encantarias, do despreparo espiritual, da fraqueza de espírito e do período de irreverência ao oculto. Dessa forma, tanto o homem como a mulher são submissos aos entes sobrenaturais de encantaria. Em certos momentos de suas vidas, ficam desprotegidos, frágeis e à mercê da ordem e da desordem dos caruanas.

Em ambos os casos, a proteção pessoal é o melhor caminho para prevenção contra as malinezas. Se isso não for possível e o templo do corpo for invadido por um ente

sobrenatural, a força do desencantamento vem de alguém que tem livre-arbítrio no mundo dos caruanas, o “experiente” ou a parteira, que, com auxílio dos encantados do bem, são capazes, quando possível, de afastar as malinezas e forças de encantamento.

Durante as benzeções e seções de curas e pajelanças, capazes de aliviar as fraquezas do espírito, os “experientes”, que em muitos casos também são as parteiras, sempre recebem chás, banhos, defumações e garrafadas para curar o mau da carne, do corpo. Com massagens regulares na barriga da mulher grávida, “concertam a posição certa da criança”⁵⁴ para ficar no ventre materno, aliviam dores.

Puxando e emplastando com unguentos de andiroba, abuta⁵⁵ e pó de osso de macaco⁵⁶, corrigem fraturas ou quebraduras. “Conhecem a doença na feição da pessoa.”⁵⁷ Dizem os habitantes mais velhos de Umarizal, que o bom “experiente” ou curador já “traz o dom com ele desde barriga da mãe. Chora de vez enquanto, quando ainda está na barriga da mãe. Esse é muito bom, traz o dom de nascimento”.⁵⁸ Conheçamos, na fala a seguir, alguns remédios feitos pelas parteiras e bezedeiras da região do Tocantins, no Pará:

(...) Eu faço assim receita de remédio caseiro. Esse negócio de banho quando a mulhé tá com problema de abomina [albumina] eu mando ela tomá constantemente a laranja da terra (...) Eu faço temperada assim de salva, casca de babatimão, verônica. Aquele jucá, que fica iguá um vinho, mel de abelha. Quando a pessoa gosta de vinho, prepara no vinho que fica bunito, que ele arreja tudo aquele parto da mulhé, porque no hospitá a senhora sabe que terminou os trabalhos eles tiram tudo, e, aqui a gente vai dando remédio que é pra limpá. Tem mulhé aí que fica até ano sem vim a menstruação. É que se cuida não fica barriguda (...). (Raimunda Farias Neri, 69 anos, Umarizal)

Tempo após tempo, o mito das encantarias, que teve origem no quilombo do Paxibal, com o Negro Sinfrônio – fundador do referido Quilombo e também um misto de líder, curador ou “experiente”, benzedor e parteiro –, regenera-se no povoado de Umarizal. Segundo Eliade,

tudo começa de novo, no princípio, a cada instante. O passado nada mais é do que uma prefiguração do futuro. Nenhum acontecimento é irreversível, e nenhuma transformação é final. Num certo sentido, é até possível dizer que nada de novo acontece no mundo, pois tudo não passa de uma repetição dos mesmos arquétipos primordiais (...). O tempo só torna possível o aparecimento e a existência das coisas. Não exerce uma influência final sobre sua existência, já que, ele próprio, passa por uma constante regeneração.⁵⁹

Como vivem os filhos dos mitos

É no reorganizar do tempo que os habitantes de Umarizal recriam seus mitos e preservam o longo viver dos caruanas e de todos os entes de encantarias. Rios, matas e igarapés são e vão continuar a ser os templos sagrados do poder místico dos encantados. Nos rios moram as cobras encantadas, o boto. Nos rios são jogadas, após o batismo com “leite de peito”, as cobrinhas paridas pelas mulheres que foram “bolinadas e malinadas” pelos encantados. Que, por sua vez, também se encantam.

Nas cabeceiras dos rios e igarapés mora, a mãe d'água, uma formosa mulher que enfeitiça os homens com sua voz aguda e música entorpecedora. Nas matas moram os caruanas, que podem estar em qualquer parte. Entre as pencas dos cachos de açaí, embaixo do curuatá dos inanjazeiros, nas sapopemas⁶⁰ das árvores, no buraco dos paus podres, entre as folhas de sororoça. São entes brincalhões, brincam de se esconder com os humanos. Se forem ofendidos em qualquer coisa, engraçam-se para malinar com alguém, mandam o encanto, e a pessoa passa a sofrer do espírito e da carne.

Concordo com Paes Loureiro, quando afirma que a cultura amazônica tem fisionomia própria, marcada por peculiaridades estetizantes significativas, com predomínio de componentes indígenas, mesclado a caracteres negros e europeus. Afinal, o caboclo amazônico é um tipo étnico resultante de uma miscigenação, cuja força cultural tem origem na forma de articulação com a natureza.⁶¹

Em Umarizal e nos demais povoados negros rurais do Tocantins, pelos quais passei, o homem vive em eterno convívio com a natureza. A vida de seus mitos e as recriações destes são possíveis mediante a forma natural de seres e de coisas da natureza, que têm capacidade de transitar para o mundo sobrenatural, transportados pelos caruanas e pelas correntes dos encantados de modo geral.

Segundo Salles, as tradições africanas não predominaram em toda a vastidão da planície amazônica. Algumas vezes, perderam raízes em benefício da cultura nativa, que, no seu conjunto, apresenta menos caracteres africanos do que indígenas. Entretanto, surpreende qualquer observador a predominância, ali, de um senso lúdico essencialmente africano: “certamente, o lazer do escravo produziu inúmeros outros materiais onde a cultura africana, em contato com a indígena e a européia, resultou na construção de rico folclore na Amazônia”.⁶²

No povoado de Umarizal, assim como em toda a cultura amazônica, ainda há um mundo sacralizado, onde o homem faz culto aos espíritos e aos mistérios da vida, que acabam se expondo com naturalidade. Ele estabelece nas suas experiências cotidianas

o encontro da sua alma com as divindades da floresta. Isso é possível porque o homem ainda vive em contato com a natureza, embora essa harmonia seja constituída também de perigos para ele. O homem amazônico, afirma Vianna Moog, sempre viveu e ainda vive habitando algumas áreas isoladas, alimentando-se de pratos típicos, celebrando a vida nas festividades e danças regionais, banhando-se nas águas do rio e da chuva e imprimindo um ritmo fracionado e múltiplo, indefinidamente enraizado na chance de evasão na imensidão, que é a Amazônia.⁶³ Dessa forma, “a floresta e seus seres não são tomados como objetos, mas como sujeitos integrantes de sua vida cotidiana, como parceiros com quem compartilham o viver, o trabalhar, o pensar, as crenças e os valores que fazem parte do ser e do estar na mata”.⁶⁴

O homem amazônico, diz João Loureiro, além de criar e desenvolver processos altamente criativos e eficazes de relação com a natureza, humanizou-a e a colocou à sua medida, pelo imaginário, pela estetização, pelo povoamento mitológico, pelas atividades artísticas. Desta forma, definem sua grandeza imaginária, mediadora das desigualdades entre homem e natureza, colocando um à medida do outro. Imaginário instrutor, que definiu nova realidade, colocando o homem na dimensão do mundo por ele habitado, ao mesmo tempo em que situou essa natureza desmedida à exata medida de sua cosmovisão. Porém, essa cultura tende a ficar despedaçada no ar da história de cobiças da riqueza de terra, agravada nas últimas décadas, dos conflitos resultantes no extermínio ou dizimação de tribos indígenas, morte por encomenda, poluição dos rios, voracidade do consumismo e da queimada de grandes extensões de floresta.⁶⁵

*Artigo recebido em abril de 2001 e aprovado para publicação,
pelo Conselho Editorial, em junho de 2001.*

Notas

* Doutoranda em História da PUC-SP.

¹ Fala da informante Alice, 47 anos, povoação do Mola, Cametá (PA)

² Fala de dona Maria Madalena, habitante do povoado de Umarizal, Baião (PA).

³ Graham, S. L. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro 1860 – 1910*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 98.

⁴ Povoado oriundo do antigo quilombo de Paxibal, onde realizei pesquisa em busca das experiências históricas das mulheres negras rurais, do papel que elas desempenharam no antigo quilombo e ainda desempenham suas descendente e quais são os significados simbólicos de tais papéis.

⁵ Del Priore, M. "Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino". In: _____. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 1997, pp. 88-89.

⁶ Fala da parteira Raimunda Farias Neri, 69 anos, Umarizal, Baião (PA).

⁷ A informante refere-se a um período de enchente do Rio Tocantins, na região, quando as pessoas procuravam abrigo nas casas de alguns parentes, amigos ou "conhecidos" para escapar da enchente. Assim, ficavam várias famílias "se apertando" numa única casa. Parecia, nessa ocasião, que a mulher em trabalho de parto estava sendo punida por ser mãe solteira, e que também não havia, nesse momento, no local, nenhuma parteira.

⁸ Dona Raimunda, além de parteira, também exerce a função de "curandeira" e benzedeira. Porém, faz questão de negar para as pessoas estranhas; quando se argumenta que todos falam disso em Umarizal e vizinhança, ela diz que é verdade, "mas isso foi no passado, agora já disincantei".

⁹ Expressão comumente usada nos povoados negros rurais do Tocantins para explicar o dom das parteiras.

¹⁰ Quando erram na previsão, dizem que isso acontece, em certos casos, segundo elas muito raros, por haver uma inversão e a menina ficar de bruço. "Tem delas que nasce de bruço, dizem que não tem filho. Mentira, tenho uma filha que nasceu de bruço e ela tem filho" (fala de dona Raimunda Farias).

¹¹ Fala da parteira Custódia Vieira, 73 anos, Umarizal, Baião (PA).

¹² Infusão de casca de vários paus, raízes e ervas medicinais, também chamada de garrafadas ou temperadas. Feita em garrafas com vinho ou cachaça, pode ser tomada em dose logo após o seu preparo ou então deixa-se a infusão apurar por alguns dias sob o sol e o sereno para depois ser ingerida em forma de remédio, duas colheres de sopa ao dia. É indicada para curar anemia, infecções e outras "moléstias que atacam as mulheres", como dizem as próprias parteiras.

¹³ É muito comum as parteiras usarem chá de cominho com folha de canela para aumentar as contrações e abreviar o parto.

¹⁴ Mingau de "cu" (pó) de farinha de mandioca com uma colher de manteiga e água.

¹⁵ Durante os oito dias após o parto, as parteiras fazem massagens na barriga da mulher, esquentando-a com um pano aquecido, sobre uma defumação de alfazema e alecrim. Além de recomendarem o uso diário de "banho de asseio" de ervas e casca de pau medicinais, como verônica, barbatimão, folha de algodoeiro, casca de caju, etc., acompanhado da ingestão, por via oral, da infusão de várias ervas e cascas de pau, as "temperadas" ou "garrafadas."

¹⁶ São raros os casos de mulheres que dão à luz na maternidade de um hospital. Isso só ocorre no caso de "parto difícil" ou no caso de mulheres mais jovens, que já moraram alguma vez fora do povoado, que acabam preferindo ter filho no hospital do Serviço Público de Saúde, por ser mais prático: "no hospital terminou os trabalhos, eles (médicos) tiram tudo e na casa é preciso remédio pra limpá a barriga". Porém, são poucas as mulheres que têm essa opinião; mesmo as mais jovens, entre 14 e 17 anos, preferem o parto com parteira.

¹⁷ É comum a distribuição de vinho, batidas (mistura de cachaça com suco de frutas) e cachaça para os visitantes da parturiente. Dizem, na ocasião, que o recém-nascido "está mijando".

¹⁸ A salva ou salva do Marajó (*Hyptis Incana*) é um pequeno arbusto da família das plantas labiadas e medicinal, e o chá de suas folhas é sudorífico, tônico e amenagogo.

¹⁹ O barbatimão (*Stryphnodendron Pulcherrimum*) é árvore do grupo das leguminosas, nativa da floresta Amazônica; é medicinal, e a infusão de sua casca, na região do Tocantins, é utilizada como desinflamatório, para cura de anemia e lavagens uterinas. É usado também como poderoso aliado na prevenção e cura do câncer, principalmente uterino.

²⁰ O cipó verônica (*Dalbergia Subcymosa*) pertence ao grupo das dalbergíacas; chega a medir de 10 a 30 cm de diâmetro, de cor verde escuro avermelhado. Suas hastes são rasteiras e ramosas; suas folhas têm formato oval elípticas e serradas, flores azul pálido ou brancas, dispostas em cachos. É planta medicinal, usada no tratamento das afecções pulmonares, bronquites, cura da icterícia, cálculos da bexiga, dos rins, lavagens uterinas, e muito utilizada em forma de banhos tônicos.

²¹ O jucá, também conhecido como pau ferro (*Caesalpinia Ferrea*), é uma planta leguminosa, de madeira de cor arroxeada, quase preta; suas sementes são utilizadas como desinflamatórios; sua casca é depurativa, empregada no tratamento da diabete, escrofulose, reumatismo e sífilis.

²² Del Priore, op. cit., p. 94.

²³ Perrot, M. "A mulher popular rebelde". In: *Os excluídos da história: operário, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 208.

²⁴ Fala de dona Domingas Neri, 86 anos, Umarizal, Baião (PA).

²⁵ Mamífero cetáceo da família dos platanídeos, uma espécie de golfinho dos rios da Amazônia que, segundo os contos lendários populares, em noites de lua cheia, transforma-se num belo e conquistador rapaz, sedutor de mulheres. Estas, uma vez possuídas por ele, têm seu sangue sugado aos poucos, nas relações sexuais, durante suas visitas. Dessa forma, a amante do boto contrai uma espécie de apatia e desânimo pelas pessoas e coisas da vida. Em muitos casos, "morrem encantadas".

²⁶ O ambuá ou embuá (*Iulus*) é um inseto da família dos miriápodes; tem o formato de uma pequena cobra, medindo de 5 a 12 cm de comprimento. Tem o corpo de cor escura ou avermelhada, formado por anéis, dos quais saem vários pés. Tem cheiro forte e desagradável, habita lugares úmidos e, quando tocado, enrola-se em forma de espiral. Em condições naturais, é inofensivo ao homem, porém, no mundo dos encantados, pode servir de ponte para algum caruana que pretenda encantar ou malinar com as pessoas, por conta disso pode até emprenhar mulheres.

²⁷ O aruanã (*Osteoglossum Bicirrhosum*) é uma espécie de peixe de escamas teleósteo, pertencente ao grupo dos osteoglossídeos. Mede até um metro de comprimento, tem cor cinzenta-prateada no dorso e abdômen amarelado. Sua boca, com fenda oblíqua, é refúgio e esconderijo seguro para seus filhotes contra predadores. Suas grandes escamas prateadas, dizem os pajés do Tocantins, são atrativos perfeitos para os caruanas que querem mundiar (magnetizar, assombrar) as pessoas.

²⁸ Explicações dadas por várias habitantes de Umarizal. As falas, aqui, são de dona Raimunda e de dona Felicidade. Quanto a isso, a parteira Custódia, que recebe treinamento para parteiras, fica dividida e declara: "É má postura da barriga da mulhé, assim com tem caso dela tê arraia. Mas nesses cursos que eu tenho feito, sempre eles me dizem (médicos e enfermeiras) que a mulhé nunca se empenha de nada a não sê do homem (...) Pois é, até um tempo desse atrasado a irmã dessa dona que vai aí... se empenhou disque de uruá (...) mas eu digo que era mesmo".

²⁹ A arrainha do pau é uma espécie de trepadeira parasita que se agarra no caule e nas ramagens das árvores de grande porte, tem folhas verde escuro presas ao longo de um cipó seivoso cheio de garras.

³⁰ A cabacinha, também conhecida como buchinha (*Luffa Operculata*), é um cipó herbáceo do grupo das cucurbitáceas. Sendo medicinal, a polpa dos seus frutos, a bucha ou cabaça é empregada no tratamento da hidropisia, embora deva ser usada em dose moderada, já que seu uso em grande quantidade pode provocar inflamações nas mucosas. O extrato do seu fruto inteiro misturado com outras ervas é abortivo.

³¹ Expressão comumente usada nos povoados negros rurais do Tocantins. Fala de dona Felicidade Campelo.

³² Fala de uma das parteiras do povoado de Umarizal, Baião (PA).

- ³³ Fala de uma jovem de 19 anos, Umarizal.
- ³⁴ Lima, Z. *O mundo místico dos caruanas e a revolta de sua ave*. Belém, Cejup, 1992, p. 22.
- ³⁵ Loureiro, J. de J. P. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém, Cejup, 1995, pp. 202-203.
- ³⁶ Segundo a pajé Zeneide Lima (op. cit., p. 95 e p. 156), dentro da encantaria existem muitos mistérios que não podem ser explicados a fundo. Alguns desses mistérios são: Patu-anu, lugar onde são gerados os caruanas; Casa da Espuma, lugar de repouso dos caruanas; Açum, o mistério de Anhangá, que atua sobre os caruanas, é força, energia e poder de carga negativa, podendo provocar tanto o bem como o mal, porém um é parte do outro; Escada de Coral, escada decrescente de evolução dos caruanas; Bolha d'água, onde se guarda o segredo do maracá; Linha d'água, que são os caminhos por onde se movimentam os caruanas para chegar aos pajés.
- ³⁷ O espinhel ou espinhé é uma armadilha de pesca constituída de uma corda fina e extensa, onde se prendem, de metros em metros, linhas de pesca com anzóis iscados.
- ³⁸ O matapi é uma armadilha de pesca feita de talas de palmeiras amarradas com cipós, mede aproximadamente um metro de comprimento por 70 cm de diâmetro. O pescador deixa as armadilhas durante a noite, isto é, dependendo da maré podem também ser colocadas durante o dia, e, ao amanhecer, vai tirar ou "re-vestir".
- ³⁹ O cacuri se constitui de panos de pari, uma espécie de cercado, onde o peixe entra e não consegue sair mais.
- ⁴⁰ Nos casos de encantamento do boto, corriqueiros na região tocantina e em toda a Amazônia, discorrem na versão de que este, em noite de lua cheia, transforma-se em um belo rapaz, cujo traje costumeiro é composto de chapéu de palha, paletó e gravata branca, que, muito perfumado, enlouquece as mulheres. Gosta das festas dançantes, onde seduz as mulheres com mais facilidade. No entanto, o boto não pode amanhecer nas festas, pois a luz do sol quebra seu encanto. O que traduz sua encantaria são os pés invertidos e um orifício no meio da cabeça, daí porque aparece sempre de chapéu. O fascínio do boto é tanto em toda a Amazônia, a ponto de alguns homens, principalmente os políticos, seguirem a moda do boto, vestindo-se constantemente todo de branco, sem dispensar o chapéu de palha fina. Além de algumas partes do boto serem muito usadas como amuletos, como, por exemplo: os olhos do boto, segundo a crença, exercem forte atração sobre as mulheres; o dente guarda a pessoa do quebranto e do "mau olhado", é um amuleto de proteção usado tanto pelos adultos e crianças no pescoço; o sexo da fêmea do boto é atrativo sexual, usado principalmente pelas mulheres, que querem prender seus homens.
- ⁴¹ Fala de dona Virgínia, Povoado de Tomásia, Cametá (PA).
- ⁴² Loureiro, em a "Iluminação poética dos mitos" (op. cit., p. 211), refere-se a relatos orais de casos de pescadores que copularam com a fêmea do boto, nas praias à beira do rio, para depois matá-la. Para este autor, a consumação da cópula entre humano e animal seria a violação de um interdito. Os relatos exemplificam a preferência do homem pescador por tal relação devido ao fato de o sexo da fêmea do boto ser semelhante ao da mulher e se constitui de "uma conformação muscular interna que se contrai repetidas vezes durante a cópula, provocando a intensificação do prazer (...). Após consumada a cópula, a fêmea do boto é geralmente morta ou no caso de já estar agonizante após os embates da pesca, sua morte é consumada".
- ⁴³ Fala de dona Raimunda Farias Neri, Umarizal, Baião (PA).
- ⁴⁴ A tracajua ou tracajá é uma espécie de tartaruga da região Amazônia, diferenciando-se dos demais quelônios por sua cabeça em tamanho maior.

- ⁴⁵ Conta que, nos cursos de preparação para parteira que está fazendo, a enfermeira, que ministra o curso, diz “que a mulher nunca se empenha de nada a não ser do homem”, que quando uma mulher engravida e seus órgãos reprodutores estão fracos, com três ou quatro meses a mulher aborta aquilo “imitante a uma guariba, arraia, um sapo, qualquer coisa que a gente compara com ele”. Porém, dona Custódia acata o ensinamento dado pelas enfermeiras que dão cursos de capacitação de parteiras, mas, na prática, quanto a essa questão, prevalece o aprendizado em seus longos anos de experiências.
- ⁴⁶ Fala do senhor Dico Vilhena.
- ⁴⁷ Fala de dona Virgínia Borges, povoado de Tomásia, Cametá (PA).
- ⁴⁸ Fala de dona Domingas Neri, 86 anos, Umarizal, Baião (PA).
- ⁴⁹ Afirmando que Célia vê as imagens dos entes encantados, porque a mesma ainda continua tendo as referidas visões e crises de incorporações.
- ⁵⁰ Fala de dona Virgínia Borges, Tomásia, Cametá (PA).
- ⁵¹ Loureiro, op. cit., p. 258.
- ⁵² É com os banhos e chás de casca de pau, raízes e folhas de ervas que as crianças são curadas dos aborrecimentos e dos quebrantos, assim como também os homens são tratados de impotência sexual com chá de ervas, como a marapuama e broto de sapé ou assapé com “prego de macaco e prego de quatí seco” (o sexo desses animais é tirado, por ocasião da caçada, e seco sobre o fumeiro).
- ⁵³ Vasilha feita de barro em que se prepara o café, o chocolate de cacau e, principalmente, os chás e infusões de folhas, cascas e raízes de ervas medicinais usados pelas mulheres rurais, da região do Tocantins, na cura de suas enfermidades.
- ⁵⁴ Fala de dona Domingas Neri, 86 anos, Umarizal, Baião (PA).
- ⁵⁵ A abuta ou abútua (*Abuta Concolar*) é um cipó da família das menispermáceas; uma espécie de trepadeira que nasce na areia da beira da praia. Suas raízes raladas servem para o preparo de emplastos resolutivos contra inflamações, contusões e edemas. Além de ser, também, empregado no tratamento de cálculos renais, cólicas do parto e menstruais, prisão de ventre, dor de cabeça e reumatismo.
- ⁵⁶ Os ossos do macaco, envelhecido sobre o fumeiro, após ser torrado ao fogo é peneirado, esse pó é utilizado na composição de remédios caseiros, que auxiliam na cura de fraturas.
- ⁵⁷ Expressão comum na região do Tocantins para qualificar um bom experiente ou pajé.
- ⁵⁸ Fala de dona Felicidade Campelo, uma das parteiras do povoado de Umarizal, Baião (PA).
- ⁵⁹ Eliade, M. *O Mito do eterno retorno*. São Paulo, Mercuryo, 1992, p. 80
- ⁶⁰ Denomina-se sapopema as raízes achatada, que crescem em volta dos troncos das árvores, formando divisões; parecem paredes, com aproximadamente três metros de altura do solo para o ar.
- ⁶¹ Loureiro, op. cit., p. 68
- ⁶² Salles, V. *O negro no Pará*. Belém, Secult, 1988, pp. 193-194.
- ⁶³ Moog, V. *Ciclo do ouro negro*. Porto Alegre, Livraria Globo, 1936, p. 61.
- ⁶⁴ Antonacci, M. A. Reservas extrativistas no Acre e biodiversidade: relações entre cultura e natureza. *Projeto História 18*. São Paulo, Educ, 1999, pp. 195-196.
- ⁶⁵ Loureiro, op. cit., p. 16 e p. 34.